

A leitura de romances nos cursos de PLE. uma utopia?

Cecilia del C. Herrera; Mariana B. Sabaini; Osvaldo J. Casero.

Departamento Cultural - Facultad de Lenguas - Universidad Nacional de Córdoba.

Introdução

Nosso trabalho pretende ser o ponto de partida de um processo de reflexão sobre nossas práticas pedagógicas voltadas à leitura de obras literárias integrais de escritores lusófonos nos cursos de PLE no âmbito do Departamento Cultural da Faculdade de Línguas da Universidade Nacional de Córdoba (UNC), na Argentina.

O Departamento Cultural não só cumpre com a função de ensinar diversas línguas à comunidade, mas também é um espaço de aplicação voltado às práticas didáticas dos alunos dos professorados da Faculdade de Línguas. É nesta instituição pioneira, nascida em 1943, na qual o idioma português começa a ser ensinado na nossa cidade, na década de 70.

Os cursos estão voltados para o enfoque comunicativo do ensino do PLE. Entendemos por cursos comunicativos aqueles que priorizam a comunicação embora seus conteúdos não excluam o ensino das estruturas linguísticas do discurso.

O público alvo de nossa prática áulica é composto por aprendizes jovens e adultos que abrange uma ampla faixa etária; com diversos interesses e grau de escolaridade. Cabe salientar que, a maioria deles, são estudantes universitários.

Questionamentos teóricos iniciais

Nossos questionamentos iniciais foram três: “o que se entende por leitura”, “o que é literatura” e “o que tem de particular a obra literária para considerarmos interessante usá-la na aula de PLE”.

Respondendo à primeira pergunta “o que se entende por leitura”, constatamos que durante muito tempo pensou-se o desafio de um leitor como sendo a obtenção da informação que o texto fornecia, transpondo diretamente o significado do texto

para sua mente. Nesta perspectiva o leitor tinha uma função passiva e o texto um único significado possível: aquele que o autor queria transmitir.

As pesquisas levadas a cabo acerca da leitura nas últimas décadas, fundamentalmente a partir do desenvolvimento da psicologia cognitiva, permitiram revisar essa concepção que entendia a leitura como *decodificação*, isto é, como atividade que consiste em extrair o significado do texto letra por letra e palavra por palavra.

O modelo de leitura que surgiu destes estudos pode se sintetizar como sendo um processo destinado a construir o significado de um texto escrito, no qual são produzidas transações entre o pensamento e a linguagem. Desde este ponto de vista ler é muito mais do que decodificar: ler é uma atividade mental que exige um alto nível de abstração, na qual interagem o conhecimento do código escrito, os saberes prévios e a visão de mundo do leitor; ler implica o desenvolvimento de esquemas acerca da informação representada nos textos.

Esta nova perspectiva considera o leitor como sujeito ativo que constroi sua interpretação a partir da sua intenção de leitura. Nela existem vários aspectos a serem levados em conta: o escritor, o texto, o leitor e o contexto. Como dizia Paulo Freire ler “*é descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto e também vincular o texto/contexto ao contexto do leitor*” (FREIRE, 1996).

Por decorrência, pode se afirmar que o texto não possui um significado unívoco. Pelo contrário, cada leitor procura a sua interpretação a partir daquilo que lê, mas esta interpretação pode diferir daquela feita por outros leitores e inclusive da intenção do escritor. Deve-se entender a leitura como prática criadora e livre. As leituras são sempre plurais, são elas que constroem os sentidos do texto de modos diversos.

Segundo Nina Crespo (CRESPO, 1997, p. 61) (tradução dos autores):

“ler pressupõe realizar um esforço cognitivo através do qual damos sentido ou interpretamos certa informação gráfica em função do já conhecido. As ações que realizamos ao levar a cabo esta tarefa denominam-se estratégias e variam de uma leitura para outra e de um sujeito para outro.”

Retomando as palavras de Esméria de Lourdes Saveli (SAVELI, 2009, p. 113-114).

“ler é mais do que operar uma decodificação de palavras e de frases, é participar das representações do autor do texto lido e mergulhar em representações equivalentes. Vale mais dizer: ler é re-escrever o que estamos lendo (...) Nesse sentido, a leitura é uma operação intelectual que ultrapassa o ato mecânico de identificar o escrito, mas uma

atividade 'eminente polimorfa' em que o olhar do leitor sobre as palavras é antes de mais nada o pensamento em movimento. Como diz Faucambert, 'ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa' (1994, p.30).

A segunda questão foi "o que é literatura". Para tal fim citaremos diferentes definições encontradas na bibliografia consultada.

A palavra literatura tem sua origem no latim e deriva da palavra *litterae* que significa "letras" e da palavra *litteratura* que significa "arte de escrever".

Segundo o dicionário Aurélio, os dois sentidos de uso mais frequente da palavra são:

1. *Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso.*
2. *O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época.*

Afrânio Coutinho, em suas "Notas de Teoria Literária" (COUTINHO), contribui com este magnífico conceito:

"A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. [...] Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana".

Segundo o *Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española* (DRAE) o vocábulo refere-se à arte cujo instrumento é a palavra e abrange as obras com uma intenção estética.

"Altamirano e Sarlo (ALTAMIRANO, C. & SARLO, B., 1993) enunciam o fato literário como uma forma ideológica, pois é um sujeito social que produz, trabalhando com os objetos ideológicos de um discurso sobre a realidade: é, também, um sujeito social que reflete o social na literatura como resultado de sua atividade em interação com as ideologias".

A partir destas definições podemos afirmar que a obra literária é obra de arte que cobra corpo através da língua escrita e na qual há uma intenção estética. Ela pode adquirir diferentes formas: poesia, peças de teatro ou ainda ficção em prosa onde encontramos a crônica, o conto, a novela e o romance.

A terceira questão foi "o que tem de particular a obra de literatura para considerarmos interessante usá-la na aula de PLE".

Antes de continuar esta reflexão, desejamos limitar o seu campo ao uso de novelas e romances. De forma alguma consideramos as outras como não válidas para a exploração pedagógica. Ao contrário, temos a firme convicção de que todas as formas de obras literárias são de muita utilidade na aula de língua estrangeira, porém o assunto é tão amplo que seria muito ambicioso pretender abarcá-lo numa comunicação.

Por decorrência, vemo-nos na necessidade de reformular nossa terceira questão que agora fica limitada a “o que tem de particular o romance para considerá-lo relevante na aula de PLE”.

Em primeiro lugar, devemos esclarecer que nós trabalhamos com romances autênticos, quer dizer, por um lado, que são obras de escritores brasileiros e não obras traduzidas, e por outro que não foram escritas com uma intenção pedagógica.

O romance, nas palavras de J. Milton Benemann e Luís A. Cadore (BENEMANN e CADORE, 1989, p. 67-68),

“é a modalidade narrativa de maior vulto, onde a visão do mundo do autor se manifesta pelo forte conflito das personagens. O romance aborda os mais variados assuntos. Assim, podem ser históricos, psicológicos, experimentais, científicos, policiais, etc.”

Por sua vez, os mesmos autores (BENEMANN e CADORE, 1989, p.68) , afirmam que a novela

“é a modalidade narrativa que se caracteriza pela sucessividade dos episódios, muitas vezes das personagens e dos cenários. O tempo e o espaço conjugam-se dentro dessa estrutura. Assim, a novela condensa os elementos do romance. Os diálogos são mais rápidos, as narrações são diretas e sem circunlóquios, tudo favorecendo a precipitação da história para o seu desfecho”.

O romance e a novela autênticos permitem ao aluno realizar uma viagem imaginária ao mundo do outro, ao lugar onde se fala a língua que ele está querendo aprender. De certa forma, o momento de leitura se torna numa apaixonante imersão na língua e na cultura. Nesta viagem o leitor tem a possibilidade de ver paisagens desconhecidas, de sentir odores novos, de experimentar sabores exóticos, de ver pessoas diferentes. O universo da leitura conduz o leitor por caminhos inusitados. Esta experiência é um verdadeiro contato com o outro, com sua visão de mundo e sua ideologia e por isso nos sentimos em condições de afirmar que a leitura de um romance é uma prática social.

Este mergulho na língua, na sociedade e na cultura, só pode enriquecer o imaginário do aluno e torná-lo mais competente não só no uso do idioma, mas também na compreensão da visão de mundo do outro.

Visto a riqueza que oferece o contato com a obra literária é que nos propusemos incluir leituras de romances e novelas nos quatro níveis de ensino de PLE do Departamento Cultural.

Nossa experiência com a leitura de romance

Os objetivos que orientam a prática leitora possibilitam selecionar os métodos mais adequados para realizá-la. Portanto, toda leitura persegue objetivos que, por sua vez, determinam a escolha de procedimentos que tornarão este processo mais eficaz.

Assim, os objetivos que nos propusemos são:

- Brindar a oportunidade de abordar obras literárias.
- Despertar o interesse pela leitura de obras literárias autênticas e integrais.
- Aproximar-se a escritores brasileiros.
- Desfrutar do prazer estético da obra literária.
- Ampliar a visão de mundo.
- Refletir e construir o sentido do texto a partir da própria realidade e visão de mundo do aluno.
- Reconhecer que em uma obra pode haver diferentes leituras possíveis.
- Descobrir a cultura do outro a partir da sua própria cultura.
- Estimular o debate sobre as diferentes interpretações do texto através do *input* que proporciona a obra.
- Interagir significativamente com o outro.
- Justificar suas interpretações sobre a obra.
- Adquirir novo vocabulário e estruturas sintáticas através da língua em uso.

No Departamento Cultural nossos alunos devem ler uma obra literária completa por nível de estudo. Para a escolha dessas obras levamos em conta os seguintes critérios de seleção: obras autênticas de diferentes autores lusófonos concordes às possibilidades de leitura dos alunos no que tange à extensão, complexidade temática e lexical. Cabe salientar que, às vezes, esse critério é norteado pelas temáticas abordadas no currículo.

A obra literária é lida inteiramente pelo aluno num contexto extra-áulico, em determinado período marcado pelo professor, quem organiza um cronograma: estabelece as datas de começo, de finalização e de posta em comum. Os alunos são orientados a ler antecipadamente o guia de leitura elaborado pelo professor e a respondê-lo durante o processo de leitura. Consideramos importante esta estratégia para que o aluno consiga não só economizar tempo e esforço, mas também reter as informações relevantes, processá-las e refletir sobre as mesmas.

O trabalho pedagógico é orientado por um guia de leitura com perguntas que correspondem a três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Na pré-leitura geralmente os alunos devem procurar informações sobre o autor — quem é, onde e quando viveu, que tipo de temas costuma abordar em suas obras, algumas características de sua escrita, etc. — e sobre a época em que a obra foi produzida. Durante a leitura, os aprendizes respondem a diversos tipos de perguntas que têm a ver com diferentes aspectos conceptuais, inferenciais, linguísticos, interpretativos e de opinião. Na pós-leitura, o professor dá início a uma posta em comum das respostas ao guia de trabalho, durante a qual são problematizados os aspectos considerados pertinentes para a compreensão global da obra.

O docente deve ter consciência da importância deste momento de socialização no qual surge a diversidade de visões sobre as mesmas questões. A ele cabe o papel de mediador entre os alunos, visando valorizar a opinião alheia através da escuta consciente que permita um intercâmbio significativo de experiências. Nesse processo dialógico cria-se um circuito de confronto e partilha que conduz à geração de novos conhecimentos. É mediante o debate que os alunos são sensibilizados às múltiplas leituras possíveis do texto, o que lhes possibilita um olhar ora mais profundo, ora mais abrangente, ora diferente do próprio. É neste momento que toda a tarefa realizada até aqui cobra o maior sentido dependendo daquilo que o docente for capaz de gerar. O importante é que o mediador evite os preconceitos, fomente a participação de todos os alunos, incluindo as vozes dos mais tímidos, enfim, favoreça a multiplicidade de respostas que abrem caminho ao crescimento intelectual individual bem como coletivo.

Conclusão

Conforme foi anteriormente exposto, a obra literária possui uma riqueza inesgotável para uma abordagem didática no ensino de línguas estrangeiras:

- Proporciona um momento de aprendizagem não consciente através do contato prazeroso com a obra literária.
- Brinda a possibilidade de uma “imersão” linguística e sócio-cultural à procura de novos horizontes a serem descobertos durante a prática leitora.
- Favorece a aquisição de um amplo leque lexical.
- Oferece a oportunidade de, através do debate, os alunos gerarem situações de comunicação significativas permitindo ampliar as visões de mundo.

A leitura de obras literárias nos cursos comunicativos de PLE não tem, necessariamente, que obedecer a um trabalho exaustivo do texto em si, em todas as suas potencialidades. Consideramos que não é necessário ser especialista em linguística nem em literatura para ousar trabalhar com ela. Tal como foi demonstrado, pode se abordar a obra literária como uma ferramenta, um meio para atingir determinados fins.

Sabemos que há resistência por parte de alguns professores ao uso didático de obras literárias nos cursos de língua estrangeira devido ao receio causado por diferentes fatores, entre os de maior destaque a escassez de formação literária específica do docente, a falta de tempo ou de interesse dos aprendizes e suas limitações linguísticas. Consideramos que, inconscientemente, os professores subestimamos com frequência as possibilidades dos alunos e este comportamento nos leva a evitar determinado tipo de atividades.

Concluindo, para nós o projeto de leitura de obras literárias está longe de ser uma utopia. Baseados no sucesso do trabalho realizado por uma equipe de seis ou mais docentes durante aproximadamente uma década e meia é que encorajamos os nossos colegas a refletirem sobre a rentabilidade deste tipo de experiências.

REFERÊNCIAS

ALTAMIRANO, C. & SARLO, B. (1993): *Literatura/Sociedade*. Em: BORGES SELLAN, Aparecida Regina: *PLE: contribuições da literatura brasileira para um*

ensino interculturalista. Atas do V Congresso Nacional de Professores de Português de la Asociación Argentina de Profesores de Português “Problemas e perspectivas no ensino e aprendizagem de PLE”.

BENEMANN, J. Milton e CADORE, Luís A. (1989): *Estudo Dirigido de Português – Língua e Literatura – Vol. 1 Segundo Grau*. São Paulo: Ed. Editora Ática S.A.

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio (1999) *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

COUTINHO, Afrânio: Notas de Teoria Literária. Em: *Recanto das Letras*. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/278085>. Acessado em 10/05/2010.

CRESCO, Nina (1997): Ejercicios para El desarrollo de La lectura. Em: *Lingüística en el aula*, N° 1, p. 61-77.

FREIRE, Paulo (1996). Em: BAGNO, Marcos: *Práticas de letramento no ensino – leitura, escrita e discurso-*, p.113. São Paulo: Ed. Parábola Editorial. 2ª ed.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (DRAE): Dicionario de la Lengua Española. Disponível em <http://buscon.rae.es/drae/>. Acessado em 15/05/2010.

SAVELI, Esméria de Lourdes (2009): Por uma pedagogia da leitura. Em: BAGNO, Marcos: *Práticas de letramento no ensino – leitura, escrita e discurso-*, p. 113-114. São Paulo: Ed. Parábola Editorial. 2ª ed.